

LACAN NO CINEMA¹

¹ Material de apoio para disciplina ministrada por Marcus André Vieira na PUC-Rio em 2005.

OS FILMES

Blade Runner

Deckard é chamado para um difícil trabalho como caçador de replicantes (*blade runner*) - clones com data de fabricação e de desligamento, usados para os mais diversos trabalhos, essencialmente nas colônias fora da Terra. Definindo-se como “ex-tira, ex-blade runner, ex-matador”, por ter deixado este tipo de trabalho, ele aceita, no entanto, retomá-lo e deve “desativar” um grupo de replicantes de última geração que fugiu das colônias, retornando para Los Angeles afim de encontrar o presidente da *Tyrrel corp.*, conglomerado de empresas fabricante dos andróides. Liderados por Roy, eles querem conhecer sua data de desligamento e eventualmente alterá-la. Buscando informações com o todo-poderoso Tyrrell, criador dos replicantes, Deckard encontra Rachel, apresentada como sobrinha do gênio que, no entanto, é também uma replicante. Ela não o sabe, por ter tido as memórias da verdadeira sobrinha de Tyrrell implantadas, tornando quase impossível a já difícil distinção entre humanos e andróides. Enquanto desativa um a um os replicantes, Deckard se apaixona por Rachel. Finalmente, tendo sua vida surpreendentemente salva por Roy momentos antes deste chegar ao limite de seu tempo e desligar-se, parte com Rachel, tendo descoberto que a data de validade de sua amada é indeterminada (De Ridley Scott, 1982 - baseado em um conto de Phillip K. Dick *Do the androids dream of electric sheep?*).

A MEMÓRIA DO OUTRO

Blade Runner foi inaugural em muitos aspectos, sobretudo por combinar a visão pessimista de um futuro globalizado e empobrecido com a revolução digital. Neste mundo, cyberpunk, ao mesmo tempo *hightech* e arcaico, desenrola-se a trama que reúne elementos clássicos das histórias de detetive: uma investigação envolvendo vida e morte, um herói de moral duvidosa tendendo para o cinismo e uma mulher fatal; tudo isto tecendo mais uma combinação original, entre o *film noir* e a ficção científica.

Esta mistura inabitual abre uma boa via de acesso à experiência psicanalítica. Uma análise tem a estrutura de uma investigação e, ao mesmo tempo, lida com a história de uma vida sob o ângulo de uma operação ficcional, que se torna clara em sua radicalidade quando aproximada do mundo digital. Deixando o lado detetivesco da análise para mais adiante, vamos abordar, aqui, seu lado virtual, que incide sobre o que chamamos habitualmente de “eu”.

Um dos dados que garantem nossa integridade é o estoque pessoal de lembranças. Acredito-me “eu” porque consigo reconhecer-me em meu corpo e, nisso, conta muito poder percorrer meu corpo de recordações pessoais. A apaziguadora ideia de que nossa vida é uma entidade encadeada, sucessão linear de episódios, tão essencial no dia a dia, situa-se,

no entanto, na contramão da análise. Esta, em vez da totalização de uma história, de um trabalho de edição visando uma versão final dos fatos subjetivos, é bem mais um novo recorte, uma releitura que desloca elementos conhecidos e introduz novos, constituindo a montagem que reconfigura uma existência e modifica um destino.

Parte-se de um exercício de afrouxamento das cadeias principais de articulação entre estes elementos, chamado “associação livre”. É quando se abranda o percurso habitual das avenidas da memória, que se aceita a possibilidade de insuspeitadas associações virem a se insinuar no tecido relativamente fixo da recordação. Por isto mesmo, o exercício da associação livre exhibe o caráter anárquico de nosso arquivo de lembranças. Neste verdadeiro baú, acumula-se todo tipo de acontecimento: os essenciais e os insignificantes, os vividos, os não-vividos (e mesmo os de ocorrência indefinida), as repercussões de experiências-chave com sua potência proustiana de desencadear sensações etc.

Isto implica em uma relação nada bibliotecária com a memória. Ela não corresponde a um burocrático registro imparcial do acontecido, que apenas precisaria ser buscado no arquivo morto, mas sim a um trabalho constante de ativação e de manutenção de alguns registros em detrimento de outros, sendo que nenhum deles tem, em si, significado. Esta dinâmica relação entre elementos sem sentido que produzem a informação pelo seu modo original de costura fica bem mais inteligível quando aproximados da articulação cibernética dos zeros e uns de silício que criam o sentido seguindo apenas rotas mais ou menos pré-reconfiguradas. Para transmitir este tipo de articulação Freud recorreu ao modelo do bloco mágico, situando a memória de modo distinto do arquivo morto. A partir dela delimitou o ego como uma superfície de organização de imagens e não como seu reservatório.¹

Lacan radicaliza Freud ao situar esses elementos básicos da significação fora da interioridade corporal. O baú está “no ar”, nas palavras trocadas com todos, nos pensamentos que partilhamos, nas ideias e opiniões que circulam, cristalizam-se e constituem as identidades, valores e desejos, mesmos os mais secretos em uma dada cultura. Ele é essencialmente sem corpo e externo. Sua melhor metáfora é dos quase discursos que nas ondas de rádio estão à nossa volta, nos envolvendo e, sem que percebamos, constituindo o meio que nos constitui. É ele que faz com que se espere isso e aquilo de um bebê antes mesmo de sua nascença. Esse é o Outro.

Não foi preciso esperar por Freud para reconhecer que é impossível saber integralmente quem se é, que a chave da existência sempre nos escapa. A psicanálise subverte, no entanto, uma das mais marcantes características da nossa subjetividade associada a essa impossibilidade do saber. Trata-se da firme convicção de que o segredo jaz em um interior essencial. Em algum lugar, nas profundezas, deve se encontrar a lembrança que reconstituirá minha história. Podemos até desistir de esperar que um dia a verdade venha à tona, mais difícil é se desfazer da crença de que ela se aloja no fundo do peito.

Descobre-se em uma análise que essa profundidade tem muito de ilusão, pois o mais íntimo desejo é herdado assim como o mais secreto pensamento só pode ser formulado nas palavras do Outro. Do mesmo modo, as cenas mais antigas são constituídas por elementos corriqueiros e disponíveis a todos: um carinho de mãe sedutora, o cinto paterno e mesmo

detalhes mais prosaicos – como um aroma de pão fresquinho, por exemplo – valem mais pelo valor de verdade que assumem do que por sua antiguidade cronológica.

As coisas se iluminam quando lemos Freud com Lacan. O eu, para Freud, é uma superfície, uma rede de representações, pois tudo está ali, nada se esconde em outro obscuro lugar.² Ocorre que essa rede não recobre integralmente o real, ela tem pontos cegos que propiciam padrões de leitura distintos, embora coexistentes, de um mesmo *pool* de significantes.

Esta forma, quase informática, de abordar a cultura, como estrutura e não textura, é o modo como Lacan retoma Freud nos anos cinquenta, para situar o Outro.³ Isso que, à época era quase incompreensível, é materializado por *Blade Runner* - a ideia radical de que muito mais do que pensamos vem de fora. Os replicantes somos nós. Quanto mais certezas sobre nosso destino, nossa data de validade etc., menos “gente” somos, quanto mais longe da angústia, mais desumanizados. Rachel vive nossos dilemas.

A relação figura e fundo, ou dentro e fora, que nos parece tão natural, é assim, do ponto de vista da experiência analítica, bastante relativizada. Em vez de uma distinção real, ela se apresenta como uma montagem, em que um significante assume para outro um valor de intimidade. Não é sua localização prévia em um âmbito privado, mas, ao contrário, esse valor de intimidade que institui a distinção psicológica entre privado e público. Algum substrato material interno funciona, evidentemente, como estoque, mas esse substrato constitui-se muito mais por trilhamentos, as *Bahnungen* freudianas, do que por tijolos, muito mais por uma repetição ativa de configurações-padrão do que por um edifício construído linearmente pelo pedreiro.

Não poderíamos, então, equiparar o Outro ao conglomerado multinacional *Tyrell*? Tal como ela, ele é a sede de nossas memórias, pois apenas por seu meio é possível o registro dos acontecimentos que me serão mais fundamentais e formadores. A partir deste ponto, em que as memórias são, em grande parte, do Outro, como garantir a veracidade do registrado? A verdade tende a se separar do real, pois é menos por ter realmente acontecido e mais pelo valor que lhe foi dada que uma lembrança terá caráter determinante.

Uma análise favorece esta visão de um Outro quase virtual. Que se pense aqui àquelas retomadas pelo analisante com a ressalva de que não sabe se foram vividas ou se tornaram vividas por terem sido tão repetidas pelos analisantes. A resposta do analista é sempre: isso não é o mais importante.

É preciso que fique claro, no entanto: isso não significa que se está deixando de lado o real, apenas que ele não é mais aquilo que estaria por trás da realidade virtual. Não se trata de um ticket para o mundo da narrativa quase alucinatoria, sem relação com o real, mas sim do abandono do regime platônico. As imagens não são véus que reproduzem o real de forma distorcida ou opacificada. O real está no meio delas, animando-as. Elas não são um anteparo, mas sim um modo de agenciá-lo. A realidade virtual não é um modo de fuga do real, ao contrário, ela nos ensina sobre o que é nossa relação habitual com o real. Do ponto de vista de Phillip K. Dick e de Freud, a realidade é virtual (cf. *Matrix*).

Isso não significa que o Outro que lhe é necessário supor seja o verdadeiro Outro. A psicanálise não é uma sociologia, nem filosofia, nem antropologia. Uma certa virtualização

da realidade é uma necessidade clínica para Freud. Ele precisa de uma delimitação das relações entre o real e o imaginário que não a platônica, pois sua invenção propõe-se a agir sobre o real a partir de uma releitura, de estrutura ficcional. Caso considere que o imaginário é apenas um modo de afastar-se do real ele deveria ter continuado como neurologista. Foi por ter assumido, mesmo que implicitamente, que só existem modos de aprisionar o real, e de eventualmente agir sobre ele, que inventa um tratamento que se propõe a tocar no real agindo apenas a partir da fala. A psicanálise pode e deve radicalizar, porque ela é uma experiência de releitura e não de regravação.

O recalcado para Freud está sempre diante de nossos olhos, é apenas por procurá-lo por trás dos panos que o perdemos de vista. Claro que os fatos se sucederam e foram mais ou menos subjetivados, mas a série de lembranças que eles originaram não seriam minhas se não as costurasse um sentimento de certeza que, esse, não está no Outro. Trata-se de um certo modo de viver os acontecimentos que escapa à definição por ser exatamente aquilo que escapa ao Outro do significante. Esta espécie de ponto cego do eu, formado pelas imagens do Outro, é aquilo com que convivem os replicantes de modo flagrante, pois eles são habitados por um não-saber essencial. Talvez seja isto que descubra Deckard com seu interrogatório de expert, em que uma entrevista se realiza a partir de uma observação atenta do olho do interrogado. Evidencia-se esta espécie de ponto cego que Freud chamou de desejo e que, segundo Lacan é a marca do sujeito, o que nos resta de originalidade e que, por isso mesmo, sempre nos escapará. Deckard ignora sua identidade, seu lugar de sujeito, como replicante, por passar seu tempo procurando distinguir se os replicantes são ou não humanos.

TELEPATIA

A psicanálise começa, segundo Lacan, quando Freud, em vez de procurar o real fora da caverna, examina a caverna; quando encontra o recalcado como uma nova fala em meio às falas habituais que, no entanto, não provêm de outro lugar a não ser do próprio Outro que encerra tanto as falas oficiais quanto as proibidas. Lacan o diz a seu modo: "se queremos entender o significado não partamos dele, ou de sua suposição, senão caímos em um círculo vicioso pois começamos definindo o que queremos definir". O método freudiano para analisar as formações do inconsciente, aparentemente simples, contém uma verdadeira revolução epistemológica. Lacan o sintetiza da seguinte forma: "Posto que estamos investigando o que se passa no nível significante, para saber o que algo significa, não perguntemos o que isto significa."⁴

Essa revolução inclui um modo de lidar com a linguagem muito próximo com o de um mundo virtual, que pode ser aproximado do Outro de nossos tempos. Como muitos já indicaram a matéria prima hoje é basicamente informação, virtual, o que muda a configuração do mercado e dos sujeitos, que são muito mais consumidos pelo consumo que antes. Em nosso mundo, o Outro da estrutura, o Outro virtual, se mostra de maneira muito mais clara. Hoje o herói não é mais Jonh Wayne e sim Bill Gates, os nerds estão no poder, e

o poder é exercido por um personagem de game, como Bush. Nossa investigação sobre o real deve, então, começar por examinar de perto este Outro.

Para situar este Outro, experimente-se um jogo, conhecido como “retrato falado”. Cada um dos participantes endereça uma pergunta àquele que terá escolhido previamente um personagem sem comunicá-lo aos outros. Ele responde apenas “sim” ou “não” e, ao cabo de algumas rodadas, chega-se ao personagem. Este simples jogo revela muito do funcionamento da estrutura, do Outro. É preciso apenas introduzir uma pequena modificação. Suponhamos que não haja personagem escolhido, que o jogador incumbido de pensá-lo decida, para divertir-se com os demais, apenas responder aleatoriamente “sim” ou “não”. Ele terá a estranha surpresa de ver um personagem literalmente surgir diante de seus olhos, pois suas respostas vão conduzindo os jogadores, por eliminação, a sempre encontrar alguém, bastando apenas que haja um número de rodadas suficientemente grande e que ninguém perca a fé no jogo e no jogador. Mesmo que suas respostas sejam totalmente desprovidas de lógica, contraditórias mesmo, basta que os jogadores não percam a fé que a mágica funciona.

¹ Cf. Freud, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica, 1895. Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 333-443.

²Cf. Lacan, J. O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1988, p. 47-48.

³ Cf. Lacan, J. O seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958). Rio de Janeiro: Zahar, 1999. (Campo Freudiano no Brasil).

⁴ Esta mesma posição metodológica será exposta adiante de maneira mais desenvolvida: “Apesar de supor que exista o inefável [o real em si] nunca nos recusamos a apreender o que se demonstra como estrutura em uma fala, a pretexto de existir o inefável (...). Percebemos que é infinitamente mais fecundo apreender a fala como tal e procurar articular a ordem que ela instaura, desde que tenhamos referenciais seguros (...). Se partíssemos da ideia que a fala é essencialmente feita para representar o significado, ficaríamos imediatamente confusos, porque isto seria recair nas oposições precedentes, ou seja, que não conhecemos o significado”. Ibid., pp. 56 e 159.